

Função Leitor:

**Antonio Ricardo Rodrigues da Silva**

## **Tema 2**

### **Neurociências e Psicanálise**

Os cinco trabalhos que serão comentados no tema Neurociências e Psicanálise, abordam cada um a sua maneira, a questão do Corpo, da Carne.

Questão problemática desde os primórdios da psicanálise, até hoje o corpo faz ruído, na teoria e na clínica psicanalítica, desdobrando questões muitas vezes polêmicas sobre seu estatuto, lugar e abordagem teórica e clínica.

Poderíamos montar de uma forma esquemática, dois grandes blocos sobre sua abordagem nos cinco trabalhos focalizados. Quatro deles se escrevem na tradição freudiana clássica de pensar a dissociação corpo e mente (ou corpo e alma, somático e psíquico). Isto não se apresenta de forma explícita, mas é possível observá-la à medida que estes textos problematizam as interferências e interdependências entre o corpo e a mente, tendo como interlocutores privilegiados o discurso da psiquiatria biológica, das neurociências, da medicina reprodutiva e do mercado globalizado, expressão do capitalismo avançado, representado pela mídia e pela indústria farmacêutica multinacional.

Neste primeiro bloco, lido a partir do paradigma que denominaremos de “Da Dissociação –

Interferência/Interdependência nas Relações Mente Corpo” – herança da tradição cartesiana newtoniana, estão problematizados em alguns conceitos criados pelo próprio Freud para dar conta desse intervalo entre o corpo e a mente, tais como o de **pulsão** – conceito por excelência limite (entre o somático e o psíquico) mas também dois outros propostos por uma das autoras que são o de **afeto** e do **isso** (id). Estes três conceitos, a autora denomina de conceitos membranas. Eles se destacam à medida que trazem nosso olhar para as intrincadas e complexas relações entre o corpo e a mente, problema antigo na história das idéias e da qual a psicanálise não se isentou, a medida que se ocupa do humano.

Se a psicanálise privilegiar apenas a dimensão do corpo no plano do representacional, teremos muitos problemas para entendermos demandas que estão longe de experimentarem o corpo nesta posição. A noção de corpo pulsional deixaria de fora uma gama importante de pacientes com dificuldades justamente na constituição deste mesmo corpo pulsional, simbólico, sendo a intervenção pela palavra na maioria das vezes inócua. (Winograd).

A dicotomia mente/corpo aparece quando os trabalhos problematizam as perspectivas hoje hegemônicas de se pensar o sofrimento humano e o mal estar na civilização como expressões de déficits orgânicos, sejam estes de substâncias ou de problemas na formação dos genes ou mesmo até de sua ausência. A identidade sexual, a inteligência, a tristeza e a depressão, ser feliz e ter fé, são atributos facilmente reconhecidos como já inscritos à priori nos indivíduos. As pessoas sofrem então por escassez ou excesso de substâncias neurais e genes herdados que terminam por lhes atrapalhar a vida, que deveria ser plena, sem infortúnios. É então o que está inscrito no corpo biológico que determina o que a pessoa será. Nem as contingências da vida humana, nem o tempo social e a história afetam este devir já pré determinado a partir da herança genética do indivíduo. O biológico é o senhor e a dissociação mente/corpo fundamental para a sustentação deste projeto. (Aguiar).

Se o biológico é o determinante, aparece então a promessa/projeto de deciframento do funcionamento cerebral e a conseqüente possibilidade de se explicar a subjetividade humana a partir deste mesmo funcionamento. A psiquiatria biológica, amparada nas neurociências e na biologia molecular, tendo como instrumento fundamental o DSM – III, produziu uma expansão de seu campo onde inclusive as pessoas podem se auto-diagnosticar e pedir ao seu clínico (não necessitando de um psiquiatra) a prescrição de uma medicação que ele já sabe *a priori* qual será, visto que a indústria farmacêutica e a mídia as expõem nos meios de comunicação de massa como mais uma mercadoria do consumo rumo à felicidade.

Bem ao contrário da proposição freudiana de esfumaçamento das fronteiras entre o normal e o patológico, na psiquiatria biológica a indefinição destas fronteiras aparece a serviço de uma excessiva psiquiatrização da vida cotidiana com uma medicalização excessiva do social a serviço do consumo de medicamentos (desde pacientes internados até a vida do cidadão comum e das

donas de casa). A frase emblemática seria então “Se você está triste, não pense sobre isto, tome um remédio e a vida voltará a ser o que era antes”. (Aguiar)

Outra questão também crucial resultante dos avanços das neurociências, tendo o deciframento do corpo biológico como propulsor, diz respeito a predeterminação do que as pessoas serão a partir da análise de seu código genético. (Coser).

Neste percurso, a tese, cara a psicopatologia desde o século XVIII, do vínculo causal entre patologia mental e hereditariedade se destaca, criando uma série de procedimentos tidos como universais de predição. Fruto da medicina preditiva, o diagnóstico preditivo desemboca de forma indiscriminada na prática do aconselhamento genético, correndo o risco de se tornar uma prática eugênica. (Coser).

Ainda nesta perspectiva das intrincadas relações entre o corpo e a mente, temos a problematização dos projetos de reprodução assistida, cada vez mais comum nos grandes centros urbanos, onde as pessoas buscam a geração de filhos por meios artificiais. Aqui entra em cena a tecnologia que reproduz laboratorialmente as condições necessárias a concepção de um bebê, que estaria pelos meios naturais de alguma forma impedida. O que chama atenção aqui é o fato de que, apesar de todo arsenal tecnológico e seguida todas as etapas com um controle rigoroso, muitos destes casais não conseguem realizar o projeto de uma progenitura biológica. O que é mais desconcertante para as disciplinas e os saberes envolvidos neste projeto é o fato de que muitas mulheres após abandonarem ou desistirem destes procedimentos, tenham conseguido engravidar. Muitas vezes há ainda pequeno um bebê adotado que conviverá com um irmãozinho mais jovem, vindo do ventre de sua mãe adotiva. (Vieira da Cunha)

Se nos quatro trabalhos anteriormente analisados, temos uma perspectiva mais voltada para os embates das neurociências com a psicanálise, onde são apontadas muito mais as diferenças radicais de suas respectivas abordagens, o quinto e último trabalho, propõe a possibilidade de uma colaboração importante entre estes saberes. Este trabalho estaria então incluso no segundo grupo que estamos propondo chamar do “Da Unicidade do Corpo com a Mente”. Para isto no entanto, necessário se faz abolir a dicotomia mente corpo e assim a autora propõe que se proceda, tendo como aliados três teóricos das neurociências que pensam uma unidade denominada **corpomente** ou **psicossoma**. O homem teria portanto

uma dimensão biológica (material – nível macrocósmico) e outra psicológica (energética – nível microcósmico) funcionando como uma rede psicossomática de informações, onde as afetações se dão reciprocamente, não havendo necessidade de se estabelecer que nível nem de onde se originam. Os corpos do paciente e do analista se afetam reciprocamente e isto deve ser levado em conta. Isto por sua vez pede um alargamento da noção de transferência, com destaque importante para a contratransferência, sendo o corpo do paciente abordado para além da representação psíquica, estando inclusive sujeito a ser tocado pelo analista. A partir dessa afetação do corpo (do sentir) o processo psicanalítico andará na direção da construção de sentidos para o experimentado. (Pilla).

Rio de Janeiro, outubro de 2003.